

QUANDO A PERDA TRANSFORMA SEU CORAÇÃO EM UM MÚSCULO SEM PROPÓSITO: O LUTO SIMBÓLICO NA NARRATIVA JUVENIL *DOIS GAROTOS SE BEIJANDO* (2015), DE DAVID LEVITHAN¹

Silvana Augusta Barbosa Carrijo²
Yuri Pereira de Amorim³

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a literatura, ao se estruturar por meio de recursos estéticos da língua (figuras de linguagem, rimas, sonoridade, etc.), é uma manifestação artística capaz de dissertar, de modo simbólico, sobre temas transversais e fraturantes, o presente trabalho, recorte de uma pesquisa de Mestrado em desenvolvimento, tem como objetivo principal refletir sobre o processo de luto simbólico vivenciado pelos pais de Cooper na obra potencialmente voltada ao público juvenil *Dois garotos se beijando* (2015), de David Levithan. Para o desenvolvimento do trabalho, foram acionados estudos teórico-críticos de Azevedo (2004), Kübler-Ross (2017), D'Assumpção (2018), Butler (2003) e outros.

Palavras-chave: Literatura Juvenil, *Dois garotos se beijando* (2015), luto simbólico, David Levithan.

Introdução

A literatura é uma arte de grande relevância para formação e constituição de sujeitos mais críticos e empáticos. Além do mais, o texto literário, ao utilizar recursos estéticos da língua (ambiguidade, linguagem poética, duplos sentido, figuras de linguagem, entre outros), é capaz de contemplar, artisticamente, temáticas caras à condição humana, reflexões essas que não são passíveis de lição e que algumas vezes são escamoteadas por alguns livros didático-informativos (AZEVEDO, 2004). Um dos assuntos contemplados pelo texto de ficção concerne ao campo da sexualidade e da identidade.

¹ Trabalho desenvolvido com fomento de bolsa de mestrado CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

² Professora Doutora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e Linguística (UALL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT - em transição), Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário, Catalão-GO, Brasil. E-mail: silvana.carrijo@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Unidade Acadêmica de Letras e Linguística (UALL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT - em transição), Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, 1120, Setor Universitário, Catalão-GO, Brasil. E-mail: yuriamorim123@hotmail.com

Assim, o presente trabalho, recorte de uma pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) – Universidade Federal de Catalão (UFCAT – em transição), possui como objetivo principal discursar sobre o luto simbólico vivenciado por pais e filhos ao enfrentarem a perda simbólica da identidade idealizada, neste caso, a morte da heterossexualidade, orientação sexual imposta como norma pela sociedade heteronormativa compulsória⁴ (BUTLER, 2003). De maneira mais específica, objetivamos analisar as fases do luto simbólico vivenciadas pelos pais de Cooper na obra potencialmente voltada ao público juvenil *Dois garotos se beijando* (2015), de David Levithan. Os pais do adolescente, ao descobrirem a homossexualidade do filho, atravessam três fases do luto: a negação, a raiva e a aceitação. Além do mais, o estudo almeja apresentar alguns recursos estilísticos evidentes nos fragmentos literários que serão averiguados no romance de Levithan (2015).

A obra (do original em inglês *Two boys kissing*) foi lançada a público em 2013 nos Estados Unidos pela editora *Alfred A. Knopf Book for Young*. No Brasil, o livro foi publicado em 2015 pela editora Galera Record e traduzido por Regiane Winarksi⁵. A história, narrada por fantasmas gays do século XX, mortos vítimas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e da discriminação, relata quatro histórias paralelas de jovens homossexuais lidando com questões voltadas ao corpo e às suas sexualidades. No caso deste *corpus*, será feito o recorte de uma narrativa para melhor aprofundamento

⁴ Nas palavras de Judith Butler (2003, p.180), no texto *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, a instituição da heterossexualidade compulsória se dá através de uma série de significados compulsórios que “[...] produz essa representação da natureza para promover a estratégia política da dominação sexual e para racionalizar a instituição da heterossexualidade compulsória”. Assim, indo ao encontro das ideias estabelecidas pela autora (2003), é preciso compreender que a naturalização da dominação da heterossexualidade compulsória é uma construção histórica socialmente instituída e não uma categoria natural, mas política. Assim, “o recurso ‘natural’ é sempre político” (BUTLER, 2003, p. 182).

⁵ É de grande importância destacar o papel do profissional que realiza a tradução da obra, pois é por meio dele que os leitores brasileiros têm a oportunidade de desenvolver a leitura do livro. Oliveira (2017, p. 352), no artigo intitulado “A importância da tradução: reflexões sobre o papel do tradutor”, observa que “o tradutor tem um papel de suma importância no meio social, pois é um produtor de significados que tem como objetivo representar o autor e os textos que traduz. Traduzir é ainda uma maneira de girar em torno do mistério, de suportar, trabalhar o insuportável, através de termo a termo”. Sendo assim, a função do tradutor é imprescindível para que o texto atinja diferentes públicos. Além do mais, é preciso mencionar que quanto mais lapidada a tradução for, melhor conservado será o sentido original e seus possíveis aspectos estéticos. Por fim, é preciso salientar que o trabalho efetuado pelo profissional da tradução é digno de pesquisas acadêmicas de fôlego, por pesquisadores vários.

das análises. Seleccionamos a trama de Cooper Riggs, um adolescente de 17 anos que passa suas noites em claro, no computador, criando vidas e histórias falsas, na intenção de conquistar outros rapazes que não conhecerá de verdade, não até sua homossexualidade ser descoberta pelos pais e ele ser expulso de casa. Após ser escorraçado de seu lar e ter o segredo sobre sua sexualidade invadido (quando o senhor e a senhora Riggs leem, sem permissão, suas conversas online privadas, trocadas com outros homens em sites de relacionamento), ele não perde apenas o amor dos pais, mas também a vontade de continuar vivendo.

Para o desenvolvimento do trabalho foi utilizada a metodologia descritivo-qualitativa de caráter interpretativo (THOMAS; NELSON, 1996), quer dizer, no primeiro momento, procedemos pela leitura da obra literária; em sequência, recortamos uma narrativa do romance para melhor descrição dos enunciados que patenteiam o preconceito sustentado pelo adolescente; posteriormente, foi selecionado e revisado material bibliográfico; por fim, foram concebidas as análises, percorrendo uma linha interpretativa, isto é, exteriorizando o olhar dos pesquisadores.

Com relação à escolha do tema, os motivos se sustentam pelos seguintes aspectos: primeiro, para evidenciar o potencial do texto literário potencialmente voltada para crianças e jovens em dialogar com temáticas fraturantes e transversais sem pender para o universo didático-moralizante; segundo, para desconstruir discursos que naturalizam o preconceito contra à homossexualidade e contra aqueles que estão às margens; terceiro, para dar destaque aos recursos literários habilmente acionados por autores; quarto, para viabilizar discussões epistemológicas no campo literário sobre sexualidade e identidade pelo viés do respeito e do reconhecimento.

Sob esse entendimento, o artigo encontra-se assim organizado: na primeira seção, iremos dissertar teoricamente sobre os tipos de morte, concreta e simbólica. Para embasar a discussão, iremos acionar estudos de Aguiar, (2010), Castañeda (2007), Modesto (2008) e outros; no segundo tópico, iremos refletir sobre os sentimentos que podem aflorar quando os sujeitos enfrentam a perda concreta ou simbólica de um vínculo significativo, isto é, iremos discorrer sobre as fases do luto. Para isso, nos embasaremos em Kübler-Ross (2017), D'Assumpção (2018), Amorim; Carrijo (2019) e

outros; após apresentarmos as fases do luto, serão iniciadas as análises do *corpus* literário.

Os dois possíveis lados de um mesmo dissabor: dos tipos de morte

A morte, na sociedade ocidental contemporânea, por ser um tema delicado e de difícil tratamento, permanece sendo tratada na perspectiva do tabu e da restrição, entretanto, nas palavras de Aguiar:

A literatura tem sido, através dos tempos, um dos modos de registro da experiência humana. Nesse sentido, tem fixado os sentimentos mais profundos por intermédio do depoimento do artista, que externa sua inquietação diante de questões vitais como o amor, o ódio, a violência, a solidariedade, a amizade, a fé e a morte (AGUIAR, 2010, p. 23).

Dessa forma, o texto literário é de grande magnitude para discursar sobre assuntos da natureza humana. Assim, essa manifestação artística é capaz de refletir, de modo subjetivo, sobre sentimentos e questões indispensáveis, tais como, o amor, a amizade, a busca pelo autoconhecimento, a sexualidade, a morte, entre outros. Sob essa concepção, o presente tópico objetiva dissertar sobre os tipos de morte, concreta e simbólica.

Para Elisabeth Kübler-Ross (2017), no livro *Sobre a morte e o morrer*, a morte na instância coletiva ocidental continua sendo um acontecimento assustador, trágico e que causa um medo universal. Ainda para a autora, há uma série de razões pelas quais os sujeitos fogem de encarar a morte com tranquilidade e uma das mais importantes é que “hoje em dia, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano” (Kübler-Ross, 2017, p. 11-12). Sendo assim, ainda que a morte seja um evento infeliz, ela precisa ser contemplada por um viés humanizador, afinal, “ela se afirma como nossa permanente companheira e mestra” (D’ASSUMPÇÃO, 2018, p. 11).

Em se tratando dos tipos de morte, Elaine Alves (2012), no artigo “A morte do filho idealizado”, esclarece que existem duas: a concreta e a simbólica. Para a estudiosa, “a morte concreta é quando uma pessoa morre e desaparece para sempre. A morte

simbólica, ou morte em vida, são rupturas que ocorrem durante a vida do ser humano. Essas rupturas deflagram o mesmo processo de luto da morte concreta” (ALVES, 2012, p. 90). Dessa maneira, enquanto a morte concreta diz respeito à perda efetiva de uma pessoa com a qual se tinha uma relação, isto é, “a morte da pessoa com quem se mantém um vínculo” (Oliveira; Brêtas; Yamaguti, 2006, p. 390), a morte simbólica se refere a infortúnios que ocorrem durante a vida, ou seja, intercorre “quando se referem a perdas não resultantes de morte” (Oliveira; Brêtas; Yamaguti, 2006, p. 390). No que tange à morte simbólica, Alves (2012) elenca uma quantidade razoável de exemplos:

[...] separações de casais, aquisição de doenças (morte da pessoa saudável), mutilações ou deformidades adquiridas ao longo da vida, doença mental. No casamento, o solteiro deixa de existir para dar lugar ao indivíduo casado; na formatura, o estudante morre e nasce o profissional; no desenvolvimento humano, a criança dá lugar ao adolescente, que dá lugar ao adulto, que cede a vez à velhice (ALVES, 2012, p. 90).

Assim, de acordo com D’Assumpção (2018, p. 15), “a morte não existe somente como o fim da vida. Também as perdas que acontecem em nosso dia a dia representam ‘mortes’, maiores ou menores, que nos levam a sofrimento intenso, revolta e infelicidade”. À lume desse entendimento, quando os filhos compreendem a sua sexualidade e ela vai de encontro ao padrão estipulado como a norma, no caso, a heterossexualidade, eles e os pais passam por uma morte simbólica. Edith Modesto (2008), no exemplar *Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*, elucida que:

Esse estranhamento sinaliza a morte simbólica de um(a) filho(a) para o nascimento simbólico de outro(a). Ao mesmo tempo, a mãe se reinventa internamente, uma forma de também renascer, ao mesmo tempo que dá à luz esse outro filho, que é o mesmo, na sua diferença (D’ASSUMPÇÃO, 2018, p. 109).

Em coerência com esta lógica, quando o(a) filho(a) tem sua homossexualidade descoberta, a sua antiga identidade morre, conseqüentemente, ele(a) precisa se

reinventar, elaborando uma nova identidade que aprecie suas diferenças pela ótica do respeito, afinal, ao enfrentar esse tipo de morte:

[...] a pessoa deve renunciar, no fim das contas, a boa parte de seu passado e também de seu futuro, do modo como ela os via antes. Sua vida não seguirá mais o curso previsto; não satisfará mais as expectativas de sua família e da sociedade; e não sabe se poderá contar com a aceitação e o amor de seus amigos e de seus parentes (CASTAÑEDA, 2007, p. 103).

À vista desse raciocínio, quando ocorre a morte simbólica, ainda que o(a) filho(a) esteja vivo, sua existência precisa ser reconstituída. É importante destacar que:

Quando morre o filho idealizado, surge a dor, a angústia, o desespero, o medo, a tristeza: o luto. O filho está lá! É outro, completamente diferente do que foi desejado, mas está lá, e o casal (muitas vezes somente a mãe) não tem autorização para chorar e ficar de luto pelo filho que morreu. As pessoas ao redor cobram ações e atitudes, indiferentes ao conflito de sentimentos dos pais (ALVES, 2012, p. 91).

Portanto, quando há a morte do filho idealizado, os pais e os filhos passam por um processo de luto. Na próxima seção, iremos contemplar as fases que podem ser desencadeadas após a perda (concreta ou simbólica) de um vínculo significativo. Em seguida, iniciaremos as análises do *corpus* literário, alicerçando material teórico e fragmentos estético-literários.

A influência da perda simbólica nas relações familiares: das fases do luto

Ao ter depreendido os tipos de morte, faz-se necessário, para melhor investigar o romance *Dois garotos se beijando* (2015), abordarmos as etapas do luto, explicitadas e detalhadas por Elisabeth Kübler-Ross (2017) em seus estudos sobre a morte. Sendo assim, nesta seção, nos debruçaremos em averiguar as fases perscrutadas pela psiquiatra, e, em sequência, daremos início as análises.

Kübler-Ross (2017) elucida cinco fases do luto, experienciadas pelos sujeitos (pacientes, moribundos, familiares) diante da morte. São elas: a negação, a raiva, a barganha, a depressão (reativa e preparatória) e, enfim, a aceitação. De acordo com a

pesquisadora, “tais estágios terão duração variável, um substituirá o outro ou se encontrarão, às vezes, lado a lado. A única coisa que geralmente persiste, em todos estes estágios, é a esperança⁶” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 143), ou seja, as etapas divergem e oscilam conforme cada indivíduo e nem todos vivenciam as cinco fases. Para além dessa percepção, alguns estágios podem se sobrepor a outros e, às vezes, eles podem emergir simultaneamente, isto é, podem ser enfrentados paralelamente. Para o estudo que se apresenta, iremos nos aprofundar nas etapas da negação, da raiva e da aceitação, pois são as fases vivenciadas pelos pais de Cooper ao descobrirem a homossexualidade do filho.

A negação, nas palavras de Kübler-Ross, é uma sensação:

[...] usada por quase todos os pacientes, ou nos primeiros estágios da doença ou logo após a constatação, ou, às vezes, numa fase posterior. [...] Esses pacientes podem considerar a possibilidade da própria morte durante um certo tempo, mas precisam deixar de lado tal pensamento para lutar pela vida (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 44).

Em congruência com esse discurso, a negação pode surgir quando o paciente toma conhecimento de sua doença; mais tarde, durante o tratamento de sua enfermidade, ou concomitantemente com alguma outra fase do luto. Pode emergir também após a perda (concreta ou simbólica) de um vínculo significativo. Neste período, os indivíduos podem ambicionar a própria morte, mas precisam afastar esses pensamentos para prosseguir com a vida. Ainda sobre a negação, é preciso entender que ela “funciona como um *eri-choque* depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 44), quer dizer, a negação funciona como um escudo perante notícias difíceis e impactantes, sendo convertida, regularmente, em uma aceitação parcial (KÜBLER-ROSS, 2017).

Antes de adentrarmos a fase da raiva, é fundamental constatar que “a primeira reação do paciente pode ser um estado temporário de choque do qual se recupera gradualmente. Quando termina a sensação inicial de torpor e ele se recompõe, é comum no homem esta reação: ‘Não, não pode ser comigo’” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 47).

⁶ De acordo com Kübler-Ross (2017), não é do feitio humano aceitar a morte sem relutar e se agarrar à uma esperança qualquer de que tudo voltará ao normal, quer seja antes da doença ou da idealização.

Nessa perspectiva, ao passar pelo choque inicial, o indivíduo adentrará no estágio de negação, que aos poucos será substituído por “mecanismos de defesa menos radicais” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 47), tais como a barganha e a aceitação parcial.

Tendo esmiuçado a primeira etapa do luto, podemos avançar para a segunda fase: a raiva. Kübler-Ross (2017, p. 55), ao explorar esse sentimento, esclarece que “quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, revolta, de inveja e de ressentimento. Surge, lógico, uma pergunta: ‘Por que eu?’”. Nessa linha de raciocínio, ao não conseguir mais sustentar a negação, o sujeito, geralmente, adentra no estado de raiva e de ressentimento. Neste estágio, o indivíduo pode “gritar, dizer palavrões – impessoalmente – e até socar objetos inanimados. E isso é natural numa grande dor. Agredir física ou verbalmente outras pessoas já não é uma expressão de dor e deve ser coibido da melhor maneira possível” (D’ASSUMPCÃO, 2018, p. 83), ou seja, é importante observar a raiva de quem está vivenciando o luto, pois caso ela esteja caminhando em direção a outras pessoas (por meio de ataques físicos e/ou verbais), será importante contê-la. Ainda sobre esse estágio, Kübler-Ross (2017) menciona que a equipe hospitalar e os familiares possuem dificuldades em lidar com ele, pois a raiva, neste ínterim, pode ser disseminada em todas as direções sem uma justificativa plausível.

Antes de introduzirmos a terceira nuance do luto, é preciso assinalar que: “um paciente que é respeitado e compreendido, a quem são dispensados tempo e atenção, logo abaixará a voz e diminuirá suas exigências irascíveis” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 57). Desta forma, é de grande importância que os sujeitos que estão sofrendo uma perda sejam ouvidos e respeitados, pois, quanto mais cuidado e atenção eles obtiverem, mais acurado será o processo de cicatrização de suas iras e angústias.

Esclarecida a etapa da raiva, podemos dissertar sobre a aceitação. Nesta ocasião, caso o indivíduo tenha tido tempo suficiente para refletir sobre sua morte ou sobre a perda (concreta ou simbólica) de seu ente querido e tiver obtido o suporte necessário para enfrentar as adversidades, ele não mais negará sua enfermidade (ou sua nova identidade), não mais sentirá raiva dos que lhe cercam, não tencionará barganhas, terá

superado a etapa da depressão e poderá, enfim, consentir com o destino que foi concedido a si ou ao sujeito que lhe circunda (KÜBLER-ROSS, 2017).

Ao ponderar sobre a aceitação, Kübler-Ross (2017, p. 118) esclarece que ela não deve ser confundida “com um estágio de felicidade”. A autora informa, ainda, que:

É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do “repouso derradeiro antes da longa viagem”, no dizer de um paciente. [...] É o período em que se “desliga a televisão”. Nossas conversas, então, passam de verbais a não-verbais. O paciente já indica com um gesto de mão que nos sentemos um pouco. É provável que só segure nossa mão num pedido velado de que fiquemos em silêncio (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 118).

À luz dessa compreensão, a aceitação é o momento em que a dor e a raiva se dissipam, dando lugar à sensação de repouso e tranquilidade. Nesta etapa, o enlutado tende a preferir o silêncio, priorizando toques e afagos a conversas prolongadas. Aqui, o sujeito também assimila “[...] que o filho/paciente não voltará ao estado anterior, ou seja, não retornará a ser quem era antes da doença, da idealização” (AMORIM; CARRIJO, 2019, p. 134), isto é, ele adquire consciência de que, independentemente de suas atitudes, o outro não será capaz de retornar, seja para a condição anterior, a enfermidade, seja para sua antiga identidade.

Pormenorizadas as fases do luto que sustentarão as análises literárias, torna-se apropriado apresentarmos as análises deste artigo, no intento de evidenciar quais estágios os pais de Cooper enfrentam ao vivenciarem o luto simbólico pela morte do filho idealizado.

Cooper Riggs é um adolescente de 17 anos que passa a maior parte do tempo confinado dentro de seu quarto, criando vidas e conversas falsas na *internet*. Ele participa de diversos *sites* de relacionamento, páginas das quais faz uso para interagir com outros homens e para manter a mente ocupada ante à solidão e o vazio interno que experimenta. Certa noite, em meio a uma sequência de troca de mensagens *online*, Cooper acaba adormecendo em sua escrivaninha, com o rosto quase de frente para o computador. Por ser um sono repentino, as janelas de bate-papo não foram fechadas e nem apagadas, o que se torna um problema, pois é por meio desses diálogos virtuais que o pai de Cooper (e posteriormente a mãe), ao entrar no quarto do filho, descobre a

sexualidade dele. Daí, surge a morte do filho idealizado e tanto o pai quanto a mãe do personagem vivenciam essa experiência, ele passando pelos estágios de negação, raiva e aceitação e ela pelas etapas de negação e aceitação. Detalharemos cada uma a partir de agora.

O pai de Cooper, ao ler as mensagens compartilhadas pelo filho nos *sites* de relacionamento, acorda-o, exteriorizando, simultaneamente, sentimentos de negação e de raiva:

[...] – É isso que você faz? – É a acusação furiosa. – Quando estamos dormindo. É isso que você fica fazendo?

Cooper não entende a princípio. Mas levanta a cabeça, engole a saliva que estava parada na boca e vê a tela. Ele fecha o laptop rapidamente. Mas é tarde demais.

- É isso que você faz na minha casa? É isso que você faz com sua mãe e comigo?

De uma distância fria, sabemos que há confusão no coração dessa repulsa. E nesse coração bate um fluxo regular de ódio e ignorância. Sabemos que Cooper não tem a menor chance.

O pai dele o pega pela camisa e o levanta, para poder gritar olhando nos olhos dele.

- *O que você é? Como pôde fazer isso?* (LEVITHAN, 2015, p. 33, grifos do autor).

Neste excerto, torna-se patente a morte do filho idealizado. O pai de Cooper exprime seu descontentamento com a sexualidade do adolescente por intermédio da ira e da recusa. Ao questionar, incessantemente, o que o filho está fazendo com ele e com a mãe, ele não está sendo ingênuo, querendo francamente compreender a situação, pelo contrário, o pai emprega o questionamento como uma forma de rejeição e ameaça. Ele possui consciência dos diálogos virtuais de Cooper, contudo, por ser um acontecimento inesperado, a sensação de negação emerge, atuando como um escudo de proteção frente ao ocorrido. Para além disso, quando o senhor Riggs indaga “é isso que você faz na minha casa?”, ele estabelece, de modo implícito, uma linha de desigualdade entre ele e o filho, isto é, o discurso do pai revela a discriminação contra a sexualidade de Cooper. Nesse sentido, a relação de poder que o pai faz questão de frisar para o filho pode ser interpretada como uma metáfora, jogo de linguagem manuseado para destacar que enquanto Cooper estiver sob as asas, casa e domínio do pai, ele deverá agir conforme as

regras do patriarca do lar, portanto, sua sexualidade não é bem-vinda no local, não neste ponto do enredo.

Além do mais, sobre a passagem literária mencionada, faz-se necessário refletir sobre o momento que os narradores explicitam que “de uma distância fria” eles sabem que “há confusão no coração” de repulsa do pai e que Cooper não tem a “menor chance”. Com base neste excerto, o leitor tem a possibilidade de assimilar o afeto que os narradores parecem possuir pelo personagem Cooper. Esse apego se deve ao fato de que “[...] o *eu* do narrador está em igualdade com o *ele* do herói” (TODOROV, 2013, p. 62, grifos do autor), ou seja, ambos estão absorvendo as informações aos poucos. Mesmo que as reflexões sejam distintas por parte dos narradores e por parte de Cooper – afinal cada um tem seus próprios pensamentos sobre o acontecimento -, há uma linha de igualdade sendo estabelecida entre eles (personagem e narradores), uma vez que a informação chega simultaneamente para todos os envolvidos (direta ou indiretamente). Dessa forma, ainda nas palavras de Todorov (2013, p. 62), “[...] o narrador se apega a uma das personagens e observa tudo através de seus olhos”.

Outro ponto digno de nota se refere ao instante em que os narradores, fazendo uso da onisciência, acessam o íntimo sentimental do pai de Cooper. Quando eles destacam que naquele coração (referindo-se aos sentimentos do senhor Riggs) há “um fluxo regular de ódio e ignorância”, a construção narrativa do autor é tecida com maestria. O coração não mais bombeia um fluxo sanguíneo, agora ele é um poço de sentimentos negativos. Assim, o sangue, parte majoritária do corpo humano, é substituído por essas sensações inefáveis. Neste instante, o homem é a personificação do ódio e da ignorância, e assim, a negação é moldada em raiva, emergindo a segunda fase do luto, a raiva.

Com relação ao estágio da raiva, ela pode ser vislumbrada em três ocasiões: quando os narradores oniscientes desvelam as emoções que percorrem o coração do senhor Riggs; quando ele agarra o filho pela camisa e o levanta; e, em seguida, quando ele grita com o garoto. Em alguns instantes, a irritação do pai opera como uma emoção natural após a perda de um vínculo idealizado, isto é, no momento em que ele esbraveja com o filho, a raiva está funcionando como um mecanismo de defesa, sendo adequadamente exteriorizada para, futuramente, dar lugar à tranquilidade e à aceitação,

no entanto, quando o senhor Riggs ergue Cooper pela camisa e, em sequência, dirige ataques verbais e físicos a ele, o sentimento deixa de desempenhar um papel habitual no processo de luto e se transfigura em agressão. D'Assumpção (2018) alega que “agressões físicas ou verbais não são geradas pela dor de uma perda. Na realidade, elas são a consequência de uma agressividade pessoal preexistente e contida até aquele momento em que foi liberada” (p. 83), ou seja, o pai de Cooper se apodera da circunstância não apenas para externar a dor de sua perda, mas também para validar o seu descontentamento e preconceito contra a homossexualidade.

Em um determinado ponto da desavença, a mãe de Cooper entra no quarto do filho na tentativa de compreender o conflito que está sendo travado entre o adolescente e o pai. O marido ordena que ela abra o computador e leia as mensagens escritas e compartilhadas pelo garoto na *internet*. A reação da senhora Riggs, ao iniciar a leitura das conversas, dá-se na seguinte direção:

[...] A tela se acende. Ela começa a ler.
— É só bate-papo — Cooper tenta dizer para ela. — Nada acontece nunca.
Mas a expressão no rosto dela enquanto lê... alguns de nós precisam virar a cara. Nós conhecemos essa expressão. Alguma coisa dentro dela está se partindo. E, com isso, *ela está desistindo de nós*.
Não há nada mais doloroso do que ver alguém *desistir de você*.
Principalmente se for sua mãe.
Algumas mães se recuperam desse momento. Algumas não. E, enquanto acontece, o problema é que você não tem como saber que rumo aquilo tudo vai tomar (LEVITHAN, 2015, p. 34-35, grifos nossos).

Neste fragmento, torna-se tangível a tristeza e a negação da senhora Riggs ao constatar a sexualidade do filho. Quando os narradores transmitem aos leitores que “algo dentro dela está se partindo” e que, com isso, “ela está desistindo de nós”, os sujeitos que folheiam a narrativa não só testemunham a mãe de Cooper vivenciando a fase da negação pelo filho que fora idealizado, como podem adquirir uma certa empatia pelo adolescente que foi desacolhido em um dos momentos mais complicados e vulneráveis da vida de um sujeito homossexual: o da descoberta e/ou da revelação de sua sexualidade. O leitor, ao acompanhar Cooper sendo abandonado pelos pais e sentir a

angústia do personagem, pode enfrentar um instante catártico e a partir daí, tencionar que ele encontre seu lugar no mundo no desenrolar da narrativa, de forma que ele seja amado e respeitado independentemente de sua orientação sexual.

É preciso refletir também, na passagem mencionada, sobre a ligação entre narradores, Cooper e leitor. Quando os narradores expressam que ela (a mãe de Cooper) está desistindo deles, utilizando o termo “nós” para fazer a indicação, a seleção lexical do autor patenteia o quanto os narradores se irmanam a esse garoto, uma vez que eles se incluem no grupo de sujeitos já rejeitados pela família. Em sequência, quando eles dão continuidade à descrição do acontecimento, manifestando que “não há nada mais doloroso do que ver alguém desistir de você”, o jogo de palavras (aqui demarcado pela expressão “você”) estabelece uma interpelação direta com as pessoas que configuram esse você (o personagem, o leitor) e também é uma forma de irmanizar-se (tomar as dores um do outro) e de se identificarem num movimento de pertença ao grupo.

Uma vez refletido sobre a negação e a raiva, torna-se pertinente prosseguirmos com o enredo de Cooper para chegarmos ao ponto em que seus pais experienciam o estágio da aceitação. No meio do desentendimento entre a família, Cooper apanha apressadamente as chaves do carro e foge de casa para evitar maiores conflitos. O adolescente, sem dispor de local para se abrigar, encaminha-se para outra cidade, cessando seu percurso ao se deparar com uma rede de *Starbucks*. Dentro do estabelecimento, Cooper acessa três *sites* de relacionamento e, em um deles, conhece Antimatéria (apelido utilizado por Julian na plataforma virtual), personagem secundário da trama. Após compartilharem uma sucessão de mensagens e Cooper formular uma série de mentiras, os dois decidem se conhecer pessoalmente. Posteriormente ao encontro, Cooper, frustrado, retorna ao *Starbucks* para prosseguir com a sua caça por outros homens. Em pouco tempo, ele desiste da procura e decide pegar a estrada novamente. Ele acredita que ninguém em sua cidade merece uma despedida, portanto, sem nem pensar duas vezes, ele segue seu percurso.

No final da narrativa, os leitores leem Cooper estacionando o carro ilegalmente ao lado da ponte *George Washington*. Instantes depois, ele sai do veículo e vai em direção ao centro da construção. Carros e Caminhões transitam por ali. Cooper parece não se importar e calmamente se joga no ar. Por um breve momento, os narradores

supõem que é o fim, contudo, no último segundo, o garoto é empurrado pela lateral, sendo salvo por um guarda de trânsito. Algum tempo depois, um automóvel para ao lado da ponte e os pais do adolescente saem correndo em direção ao filho:

Um carro para ao lado da ponte *George Washington*, e os pais de Cooper saem correndo. Eles encontram o filho sentado em uma guarita de segurança, com um guarda de trânsito ao lado que o deixa ficar em silêncio. Não deveria ser o caso, mas naquele momento, eles nunca o amaram mais (LEVITHAN, 2015, p. 214, grifos nossos).

Neste trecho, os pais de Cooper abandonaram a negação e a raiva para acolher o novo filho. Ainda que sentimentos de ira e negação possam reaparecer em seus corações, nesta ocasião, o que predomina é o amor. Ao ir em busca de Cooper, eles afastaram o preconceito (mesmo que momentaneamente) de suas almas e reuniram coragem para consertar os deslizos empreendidos contra o garoto. Mais do que isso, eles renunciaram às suas antigas identidades para reconstituir uma nova vida ao lado do adolescente. Assim, ainda que a aceitação demore a se metamorfosear em respeito, eles deram o primeiro passo, abrindo mão de suas idealizações para acolher as diferenças do filho. Tendo esmiuçado as análises, partiremos para as considerações finais.

Considerações finais

Com base nas análises apresentadas no decorrer deste artigo foi possível observar o modo como os pais e os filhos vivenciam a perda da identidade idealizada, neste caso, a morte da heterossexualidade. Além do mais, foi possível observar o cuidado do autor para com o texto literário, isto é, David Levithan (2015) constrói um enredo que trata de temas fraturantes (a solidão, o reconhecimento e a descoberta da homossexualidade, o luto pela perda da identidade idealizada, o suicídio, entre outros) sem se aproximar de uma perspectiva didático-moralizante, que faz da literatura instrumento para aconselhamento e doutrinação. Assim, o autor cria um leque de estratégias literárias para constituir um enredo plurissignificativo e poético.

Sob essa perspectiva, ao ter alicerçado material bibliográfico e excertos literários, foi possível chegar aos resultados esperados, sendo eles: valorização às narrativas pertencentes ao subsistema juvenil; desconstrução de discursos que

naturalizam a intolerância contra a homossexualidade e contra os sujeitos homossexuais e destaque aos livros literários que prezam por uma fruição estética. Sendo assim, antes de finalizarmos, é de extrema relevância destacar que as análises aqui apresentadas não exaurem o material literário de Levithan (2015), pelo contrário, outros pontos verbais do enredo e outros personagens podem ser analisados, sendo frutos de pesquisas minuciosas por parte de estudiosos do campo epistemológico voltado ao grande celeiro que é a literatura juvenil.

Referências

AGUIAR, Vera. A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil. In: _____; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice (org.). *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010, p. 23-42.

ALVES, Elaine. A morte do filho idealizado. *O mundo da saúde*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 90-97, jan. 2012. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/morte_filho_idealizado.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

AMORIM, Yuri; CARRIJO, Silvana Augusta. A literatura sai do armário: o luto simbólico e a intolerância familiar em Um milhão de finais felizes (Vitor Martins). *Revista Interfaces*, v. 10, n. 2, p. 129-142, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6038/4133. Acesso em: 20 mar. 2020.

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura*. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTAÑEDA, Marina. *A experiência homossexual: explicações e conselhos para homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. Tradução de Brigitte Monique Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

D'ASSUMPCÃO, Evaldo. *Luto: como viver para superá-lo*. Petrópolis: Vozes, 2018.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Tradução de Paulo Menezes. 10. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LEVITHAN, DAVID. *Dois garotos se beijando*. Tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

MODESTO, Edith. *Mãe sempre sabe?* Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais. Rio de Janeiro: Record, 2008.

OLIVEIRA, Claudio Luiz. A importância da tradução: reflexões sobre o papel do tradutor. *Communitas*, Universidade Federal do Acre, v. 1, n. 1, p. 351-356, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1109/pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

OLIVEIRA, José Rodrigo; BRÊTAS, José Roberto; YAMAGUTI, Lie. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 386-394, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013.

THOMAZ, Jerry; NELSON, Jack. *Tipos de pesquisa considerando os procedimentos utilizados*. 1996. Disponível em: <http://www.ergonomia.ufpr.br/Tipos%20de%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

**WHEN LOSS TURNS YOUR HEART INTO A PURPOSELESS MUSCLE:
SYMBOLIC MOURNING IN JUVENILE LITERATURE TWO BOYS KISSING
(2015), BY DAVID LEVITHAN**

ABSTRACT

Based on the assumption that literature, when structured through aesthetic resources of the language (figures of language, rhymes, sound, etc.), is an artistic manifestation capable of the dissertation, symbolically, on transversal and fracturing themes, the present work, cut out of a master's research in development, has as main objective to reflect on the process of symbolic mourning experienced by Cooper in the work potentially aimed at the juvenile public *Two boys kissing* (2015), by David Levithan. For the development of the work, theoretical-critical studies were triggered by Azevedo (2004), Kübler-Ross (2017), D'Assumpção (2018), Butler (2003) and others.

Keywords: Juvenile Literature, *Two boys kissing* (2015), Symbolic Mourning, David Levithan.

Recebido em: 18/10/2020

Aceito em: 25/11/2020